



Luís Rodrigues, no atelier de Savigny-sur-Orge/Paris, 2015

A OBRA

TRILHOS DO TEMPO, NARRATIVAS DE UM PERCURSO

Mon travail des dernières années évolue dans une thématique, où la forme et la couleur répondrait d'avantage à des sonorités (couleurs, parfums, bruits) due à ma perception de certains lieux, paysages, lieu de vie d'hier comme d'aujourd'hui qu'à une représentation réaliste.

Elle ne représente pas un instant comme chez les paysagistes mais le cheminement de sa conception plastique, condensé d'émotions qui se traduit à la surface de la toile par des superpositions de strates, de formes écrites et d'empiècements, jusqu'à que la peinture devienne une nouvelle réalité, insoupçonnée dans sa genèse. D'où l'appellation de « paysage de la mémoire » ou plutôt « fragment d'un itinéraire ».

Certains croquis ou notes d'après nature ont pour fonction la mémorisation des nouvelles sensations et d'alimenter un vocabulaire plastique et sensitif. Un

O meu trabalho dos últimos anos tem evoluído dentro de uma temática em que a forma e a cor respondem mais a sonoridades (cores, perfumes, barulhos) relacionadas com a minha perceção de certos lugares, paisagens, lugares de ontem e de hoje do que a uma representação propriamente realista.

Não se trata de captar um determinado momento, como acontecia com os paisagistas, mas antes do caminho percorrido pela sua conceção plástica, condensado em emoções, que se traduz à superfície da tela por sobreposições de camadas, de formas escritas e de colagens, até que a pintura se transforma numa nova realidade, inesperada aquando da sua genese. Daí os nomes «paisagem da memória» ou melhor «fragmentos de um itinerário».

Alguns esboços ou notas feitos a partir de um modelo destinam-se a memorizar

parallèle est possible mais pas recherché entre cette figuration (croquis de plein air) et la pratique d'atelier. Lieu où toutes les œuvres prennent vie jour après jour.

Derrière un esprit classique se trouve le travail d'une improvisation qui devient réalité à son tour et donne naissance à ces œuvres. L'œuvre n'est pas le reflet d'une idée mais la résonance d'une existence, qui reflète l'état d'esprit des jours nécessaires à son élaboration.

Une continuité s'établie entre les notes faites au Portugal, dans les années 60, et celles d'aujourd'hui. La composition spatiale reste au cœur des recherches alors que la plasticité et les matériaux n'ont cessé d'évoluer pour mieux répondre à mes propres préoccupations.

Chaque œuvre a son format et sa vie propre. La taille des formats ainsi que la multiplicité des matériaux utilisés, gravure, céramique, peinture, collage, etc. sont choisis pour mieux répondre à des exigences intérieures. L'ensemble constitue à nouveau une œuvre sous forme de série. Par ailleurs ces modestes petits formats en papier sont autant d'aboutissements picturaux et non des études pour des grands formats. Même si mon travail se traduit dans des grands formats, j'ai une intimité toute particulière avec ces peintures de petits formats où l'invention picturale est tout particulièrement développée.

Malgré mon éloignement du Portugal depuis plus de 40 ans, mes souvenirs sont toujours présents et vivants dans mon travail contemporain. Entre les œuvres sur les femmes de Nazaré, présentées à Paris et à New York dans les années 80 ou celles des paysages du Ribatejo des années 90, présentées en Allemagne et à la galerie de Sèvres à Paris ou encore les nocturnes qui ont pour fond la poésie dramatique du 19^e siècle Portugais, présentées dans le collectif d'artistes Portugais vivants à Paris au Musée de Figueira da Foz et celles aujourd'hui en cour plus proches de celles

novas sensações e a alimentar um vocabulário plástico e sensitivo. Embora não intencional, pode existir semelhança entre essa figuração (esboço de ar-livre) e o trabalho em estúdio, o lugar onde todas as obras ganham vida, dia após dia.

Por trás de um espírito clássico está o trabalho de uma improvisação que, por sua vez, se transforma em realidade e dá lugar ao nascimento dessas obras. A obra não é o reflexo de uma ideia, mas a ressonância de uma existência, que reflete os estados de espírito dos dias necessários à sua produção.

Há uma continuidade entre as notas feitas em Portugal, nos anos 60, e as de hoje. A composição espacial permanece no coração dos estudos, enquanto a plasticidade e os materiais não pararam de evoluir para melhor responder às minhas próprias preocupações.

Cada obra tem a sua forma e a sua vida própria. O tamanho dos formatos e a multiplicidade dos materiais utilizados na gravura, cerâmica, pintura, colagem, etc. são escolhidos de forma a responder melhor às minhas exigências interiores. O conjunto constitui de novo uma obra sob a forma de série. E os *modestos* pequenos formatos em papel são obras pictóricas concluídas e não estudos para os grandes formatos. Mesmo que o meu trabalho se caracterize pelos grandes formatos, tenho uma relação muito especial com as pinturas de pequenos formatos em que a invenção pictórica se encontra particularmente desenvolvida.

Apesar de ter saído de Portugal há mais de 40 anos, as minhas recordações estão sempre vivas e presentes no meu trabalho contemporâneo. Entre as obras sobre as mulheres da Nazaré, apresentadas em Paris e em Nova Iorque nos anos 80, ou as das paisagens do Ribatejo dos anos 90, apresentadas na Alemanha e na galeria de Sèvres em Paris, ou ainda os noturnos que têm por pano de fundo a poesia dramática do século XIX português, apresentados

présentées à Rueil-Malmaison (France) avec Costa Camelo, Vieira da Silva, Antoni Tapies, em 1997, et au Musée de Yavorov (Bulgarie) avec Nicolai Manev, me paraît que mon vécu portugais est toujours présent. D'où la volonté de partager cette œuvre là où elle a été si peu montrée.

Ce travail qui a perdu la lisibilité réaliste (des années 60/80) a gagné une intériorité non figurative qui traduit davantage mes sensations, mes préoccupations et mes émotions que j'espère partager avec vous.

com o coletivo de artistas portuguesas a viver em Paris, no Museu da Figueira da Foz, e as que estão hoje em curso e que são mais próximas das apresentadas em Rueil-Malmaison (em França) com Costa Camelo, Vieira da Silva, Antoni Tapies, em 1997, e no Museu de Yavorov (Bulgária), com Nicolai Manev, julgo que o meu passado português está sempre presente. Assim se explica a vontade de partilhar esta obra aqui, onde ela foi tão pouco mostrada.

Este trabalho, que perdeu a legibilidade realista (dos anos 60/80), ganhou entretanto uma interioridade não figurativa que traduz melhor a minha sensibilidade, as minhas preocupações e as minhas emoções e que agora desejo partilhar convosco.

Luís Rodrigues, 2015



Atelier de Luís Rodrigues de Savigny-sur-Orge/Paris, 2015